

LITERATURA E SOCIEDADE EM *CLARO ENIGMA*: UMA LEITURA DE *RAZÃO DA RECUSA*, DE
BETINA BISCHOF¹

Arte não significa aguçar alternativa, e sim, através simplesmente de sua configuração, resistir à roda viva que sempre de novo está a minar o peito dos homens.

Theodor Adorno

Introdução

Muitos foram os textos já escritos sobre as possíveis razões do retraimento do sujeito poético drummondiano em *Claro enigma*. Após a coletânea *Rosa do povo*, cujos versos luminosos muitas vezes ganhavam tom de conclamação à luta política, o poeta mineiro surpreendeu leitores e analistas com a obscuridade da coletânea de 1951. O livro *Razão da recusa*, também se detém na questão da aparente recusa à participação em *Claro enigma*. Porém, apesar do desgaste da discussão entre os críticos literários brasileiros, o volume de Betina Bischof anuncia-se uma leitura instigante e polêmica já desde os primeiros contatos com o livro.

Desde o título, pode-se vislumbrar o caráter singular das análises realizadas pela autora. Não por acaso, vendedores das diversas livrarias em que buscamos o livro acrescentaram – sempre – um artigo definido ao título: *a razão da recusa*. A omissão de um adjunto aparentemente evidente, esperado, é já, assim, um índice da sutileza do argumento da autora. Quando sabemos que o livro de Betina Bischof se centrará na coletânea *Claro enigma*, de Drummond, a ausência do artigo torna-se ainda mais inquietante: a presença do artigo confirmaria a existência de mais um volume a tentar explicitar a causa que teria levado o poeta a redigir um volume lido por grande parte dos críticos como de recusa à participação e ao envolvimento histórico.

A ousadia da hipótese de Betina Bischof, anunciada no título, é confirmada na introdução redigida pela autora aos quatro ensaios: trata-se de buscar um novo viés crítico em que se compreenda o ensombreamento do verso e dos temas em

¹ Trabalho realizado com o apoio do CNPq.

Drummond como forma de se contrapor a um tempo presente também de sombras. O título remete não tanto a uma tentativa de buscar a causa da recusa de Drummond, mas de compreender uma racionalidade própria a essa recusa: o eu retorcido que se constrói nos poemas de *Claro enigma* ecoa um mundo também torto.

Não se trata, tampouco, de negar a discussão das causas que podem ter levado Drummond a redigir um livro que parece rejeitar o engajamento. Ao contrário, Betina Bischof retorna constantemente à discussão da recusa e de suas causas (não mais entendida como única, visto que a realidade sócio-histórica é sempre observada em sua complexidade) de modo a fazer vislumbrar as implicações oblíquas, menos evidentes, de tal postura frente ao tempo presente.

A omissão do artigo definido nos leva, dessa forma, a pensar em uma convocação de dois sentidos de “razão”: a autora irá, ao mesmo tempo, discutir as motivações históricas da recusa drummondiana² e também compreender a negatividade como uma escolha ética que reflete um juízo crítico³ sobre o tempo presente e os tons de sombra da realidade. É essa dupla possibilidade oferecida pelo termo “razão” presente no título que parece ter movido as análises feitas por Betina Bischof e que moverá também esta análise.

1. Para além da alternativa entre autonomia e engajamento: as contribuições de Adorno

De modo a fazer observar a complexidade do tratamento dado à suposta recusa drummondiana no livro de Betina Bischof, é fundamental que tenhamos claras as discussões feitas sobre a questão por Adorno, teórico algumas vezes citado pela autora. Crítico cujas análises literárias foram freqüentemente rotuladas como “sociológicas”, Adorno esforçou-se por desfazer a dicotomia que separa, de forma artificial, as correntes sociológicas da teoria da literatura e aquelas que se

² “Razão” é, nesse sentido, entendida como causa, motivo, fundamento ou justificativa de uma ação, atitude, ponto de vista, etc., como atesta o *Aurélio*.

³ “Razão” é tomada aqui como a faculdade que tem o ser humano de avaliar, julgar, ponderar, também de acordo com uma das definições do *Aurélio*.

ateariam exclusivamente ao texto. Da mesma forma que esse crítico nos faz compreender que toda atividade intelectual se relaciona necessariamente com a sociedade em que se produz, faz-nos ver que não há atividade literária autônoma em relação aos confrontos sociais. Nesse sentido, o autor é precioso para a análise da dupla abordagem da recusa feita por Betina Bischof.

Uma importante contribuição adorniana encontrada no texto da autora diz respeito às relações possíveis entre lírica e sociedade. Para além da simples procura de causas sociais que pudessem ser encontradas fora dos poemas, Adorno defende que, nas análises, a referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas para dentro dela. Não deve ter em mira, portanto, a inserção social dos interesses de seus autores. Tal proposta, desenvolvida eficientemente em *Razão da recusa*, é explicitada em “Palestra sobre lírica e sociedade”:

[A interpretação social] Tem de estabelecer, em vez disso, como o *todo* de uma sociedade, tomada como unidade em si mesma contraditória, aparece na obra de arte, mostrar em que a obra de arte lhe obedece e em que a ultrapassa. O procedimento tem de ser, conforme a linguagem da filosofia, imanente. (ADORNO, 2003, p. 67)

Tal como exposto nos princípios defendidos por Adorno, Betina Bischof não se restringe a desenvolver possíveis causas para a mudança de tom observado em *Claro enigma* quando comparado ao anterior *Rosa do povo*. A ensaísta, coerente à complexidade da transformação da poesia de Drummond, não se perde em pistas de uma possível decepção do poeta com as causas sociais. Interessa-lhe observar, obliquamente, como os contrastes encontrados na obra refletem as contradições da sociedade. Imanentemente, é no corpo do poema que se observará a inserção do social na linguagem.

Além disso, o movimento constante entre poema e sociedade não serve, como poderia ser esperado, para a defesa de uma presença do social por sua simples negação. O obscurecimento do verso em *Claro enigma* não é compreendido como um sintoma do retraimento burguês em tempos de crise. Ao invés, o ecoar do caráter contraditório da sociedade nos confrontos engendrados no poema não é entendido apenas como forma de obedecer ao descrédito nas

lutas sociais que marcou, em maior ou menor medida, o pós-guerra. Para a autora, é um modo também de ultrapassar a aparente separação do poema em relação aos problemas de seu tempo. Os contrastes na poesia são forma, assim, de fazer ver as contradições sociais. Mais uma vez, reencontramos as reflexões de Adorno a embasar o argumento de Betina Bischof:

Obras de arte, entretanto, têm sua grandeza unicamente em deixarem falar aquilo que a ideologia esconde. Seu próprio êxito, quer elas queiram ou não, passa além da falsa consciência (ADORNO, 2003, p. 68).

Para Adorno, como para Betina Bischof, a obra de arte faz ver as contradições que a ideologia esconde não apenas quando narra as mazelas sociais. A poesia não precisa, portanto, engajar-se para ser reconhecida como força que busca ir além das situações sociais limitantes. Ao longo de *Razão da recusa*, encontramos mesmo a consideração de que a luminosa oposição à sociedade pode levar o engajamento artístico a ofuscar as contradições sociais. O obscurecimento da linguagem, apontado em *Claro enigma*, pode, pois, conduzir a uma relação complexa de poesia e sociedade em que a própria negatividade tende à utopia, à tentativa de ultrapassar as aporias do presente. Esse argumento tem as influências adornianas confirmadas pela própria autora por meio de uma citação do teórico alemão em *Razão da recusa*:

[...] só através da sua *negatividade absoluta* é que a arte exprime o inexprimível, a utopia (...). Pela recusa intransigente da aparência de reconciliação, a arte mantém a utopia no seio do irreconciliado, consciência autêntica de uma época, em que a possibilidade real da utopia – o facto de a terra, segundo o estado das forças produtivas, poder ser aqui e agora o paraíso – se conjuga num ponto extremo com a possibilidade da catástrofe total. (ADORNO apud BISCHOF, 2005, p. 35-36)

Uma vez que a negatividade é a via de expressão da utopia, fica desabonada a oposição comum entre arte engajada e arte autônoma. De fato, se a lírica é tanto mais indissociável da sociedade quanto menos tematiza a relação entre o eu e o social, é impossível haver arte autônoma. Além disso, a arte tem seu poder de

contestação observado por sua capacidade de transformação dos significados cristalizados. Nesse sentido, pouco importa se houve a intenção de engajamento.

A resposta às críticas feitas à recusa drummondiana são encontradas, pois, na intensificação dos jogos poéticos de modo a desautomatizar significados por meio dos contrastes na linguagem. O hermetismo em *Claro* enigma mostra-se, assim, eminentemente político. Nesse sentido, as críticas feitas a Drummond podem até mesmo ser consideradas conservadoras, como nos faz ver Adorno:

A função social do *engagement* tornou-se até certo ponto confusa. Quem, com espírito conservador, exige da obra de arte que ela diga algo, está aliando-se contra a obra de arte desligada de finalidade, hermética, e com a contraposição política. (ADORNO, 1991, p. 53).

Contra as forças, conservadoras ou não, que exigiram à poesia de Drummond a claridade do verso que “diga algo”, Betina Bischof quer revelar a ética subjacente à recusa drummondiana. É essa ética complexa, surgida de uma poesia que se recusa ao engajamento e ao verso luminoso fácil, que tentaremos remontar por meio da leitura atenta de *Razão da recusa*.

2. A complexidade da recusa: remontando os argumentos de Betina Bischof

2.1. Uma poética feita de sombras: “Opaco – entrave e mediação”

Opaco, objeto do primeiro ensaio de *Razão da recusa*, é analisado a partir da questão do obstáculo, recorrente na obra de Drummond. O tema do impasse leva Betina Bischof a construir dois caminhos de análise: o da aporia e suas relações com a realidade em que está inserida e o do poema como resposta à imobilidade nele mesmo contida (sem, com isso, abandonar a negatividade e seu aspecto de sombra).

“O edifício barra-me a vista”. A oração, introduzida na primeira estrofe e retomada ao longo do poema, inaugura o problema tematizado em *Opaco*. Aos prováveis astros, interpõe-se um edifício que se constitui em barreira ao desejo do eu lírico de ver o céu. O obstáculo, recorrente na poética drummondiana, encarna-

se em um elemento das grandes metrópoles. Essa metonímia é ocasião para que Betina Bischof discorra sobre as relações entre o impasse e a realidade em que está inserida. Serão discutidas, assim, as razões, os motivos da presença da negatividade no poema.

Poder-se-ia analisar o poema considerando tão somente o problema de um sujeito que tem seus desejados negados. Dessa forma, a leitura se filiaria àquela tradição crítica que reforça o teor classicizante e de retraimento em relação aos problemas sociais em *Claro enigma*. Betina Bischof, no entanto, prefere encontrar na construção do edifício como barreira uma ocasião para discutir a filiação do poema a uma visão crítica das metrópoles modernas. A autora quer, dessa forma, apontar que há algo na forma poética que pode ser a manifestação de uma objetividade (a própria situação do mundo) ou daquilo que não está inteiramente à vista.

A estruturação do plano de expressão em relação com o plano do conteúdo do poema conduz a reflexão da autora. Não por acaso, a repetição da oração ou de trechos da oração citada: observa-se esse gesto não somente como recurso estilístico, mas como construção estética que dá a ver um conteúdo objetivo, um “mundo de repetições administradas” (BISCHOF, 2005, p. 22).

Também a estrutura sintática é marcada por vocábulos soltos ou coordenados sem aparente conexão ao restante dos períodos do poema, como nos dois versos da penúltima estrofe, ou no primeiro vocábulo do poema, “noite”, isolado e em um verso a que se segue um brusco enjambement. Tal organização remete à fragmentação própria da experiência social das grandes metrópoles – é o que defende Betina Bischof na busca de definir os vínculos entre a aporia e a realidade em que surge.

Ao remeter a aporia ao seu tempo, a autora retoma o entrave a que aludira no título do ensaio. A autora, porém, não se restringe a buscar as causas da negatividade e da recusa na escrita de *Claro enigma*. O título do texto aponta também para a mediação, que leva ao desenvolvimento do outro caminho de análise: a consideração do poema como resposta à imobilidade nele mesmo engendrada.

O vocábulo que inicia o poema, “noite”, introduz *Opaco* em um cenário de sombra. O sujeito, a quem se recusa a luz por meio de um edifício-obstáculo, também é envolto em um cenário ensombreado. Há, porém, na última estrofe do poema, uma reviravolta. O edifício, até então caracterizado em sua imponência capaz de turvar a vista do sujeito, é agora humilde. Além disso, não é mais obstáculo total à visão, mas mediação entre o sujeito e o luar. Essa transformação, em especial, é cara à análise de Betina Bischof.

A análise do teor noturno da primeira parte do poema fizera a autora observar o caráter também sombrio das grandes cidades e do sujeito que nela vive. Esse espelhamento constante do sujeito e do mundo leva Betina Bischof a postular uma ética subjacente à recusa drummondiana, uma vez que o escurecimento do verso revela o turvamento do mundo. A fresta de luz que se deixa vislumbrar pelo obstáculo, graças a ele, faz ver outros aspectos éticos de *Claro enigma* e também uma concepção de poética.

Há, em *Opaco*, a presença de uma luminosidade precária e arduamente extraída das trevas e que, além disso, retorna às trevas (uma vez o edifício deixa vislumbrar indícios de luminosidade, o próprio sujeito barra a visão do luar). A tematização dessa luz barrada parece retomar e adensar uma visão do fazer poético como necessariamente originado na dificuldade e atravessado pelo impasse. O fazer poético se dá, assim, não da superação do obstáculo, mas da trama que o obstáculo empresta a esse fazer. A poética depreendida de *Claro enigma* é, assim, indissociável de uma ética: a de não falsear a revelação do entraves do mundo por meio da contemplação de uma luz fácil, evidente:

A obra de Drummond não se compraz nunca no deleite da luz, na contemplação sem arestas e cortes de um mundo oferto e acessível (e o que se evita, com isso, é o falseamento da apreensão do mundo num tom fácil, sem obstáculos e opacidade) (BISCHOF, 2005, p. 35).

A relação intrincada entre a escuridão e a luz (objeto de desejo do eu lírico) é, mais densamente, observada como metáfora da relação entre o mundo e a utopia. Essa luz problemática, fruto da escuridão e cujo fim são as trevas, é uma

imagem propícia para que se discorra sobre a utopia na arte moderna. Assim como a luz precisa imiscuir-se nas trevas, a arte precisa incorporar a negatividade da situação histórica em que surge para que a utopia possa ainda realizar-se. De outra forma, pura visibilidade, a arte torna-se reconciliação com o momento histórico. Nesse sentido, pode-se entender a recusa melancólica como uma forma de ação crítica e de participação política. A ela se opõe o engajamento, que, em seu luminoso questionamento da realidade, arrisca-se a ofuscar seu caráter crítico devido ao acesso sem entraves à forma poética. A recusa é uma forma, assim, de impedir a dissolução da utopia na aparência do reconciliado.

Diz, nesse sentido, a autora: “O bloqueio não destrói a luz, oferecendo-lhe, antes, um novo modo (*opaco*) de existência” (BISCHOF, 2005, p. 36). Podemos ler o trecho impregnado das relações engendradas em *Razão da recusa*: o desencanto e o escurecimento do verso não destrói a participação e a utopia, mas lhe possibilita um modo, complexo, de existência. Na tarefa de observar o poema como resposta à aporia nele mesmo contida, Betina Bischof faz ver, desse modo, o teor afirmativo que há na negatividade presente em *Claro enigma*.

2.2. Da escuridão claustrofóbica à luminosidade: “O obstáculo e a dificuldade: um outro registro”

Já no primeiro ensaio, a razão da recusa, sua racionalidade composta de contrastes, mostra ser complexa a ponto de não poder ser reduzida a uma única causa que levasse ao retraimento do sujeito. A explicitação da complexidade da questão em Drummond é reforçada por meio da análise de *Áporo*, contraponto aos densos tons de sombra de *Opaco*, de *Claro enigma*.

Também nesse poema apontam-se os ecos entre o sujeito e o mundo: ao confinamento do inseto corresponde um mundo claustrofóbico. Também aqui se encontra o impasse, entendido como aporia individual e do momento histórico. Porém, diferentemente de *Opaco*, o obstáculo não se coloca frente ao indivíduo, mas o sujeito é enclausurado em um labirinto, à primeira vista, sem saída. O outro registro a que se refere o título do ensaio diz respeito não tanto a essa

particularidade, mas, em especial, à saída à luz de uma orquídea, fruto do desatamento do obstáculo. Aqui, parece haver espaço para uma luminosidade menos problemática que aquela observada em *Opaco*.

Em *Áporo*, essa luminosidade, encontrada por um inseto metamorfoseado em flor, é abertura ao sujeito em um movimento de escape do confinamento na terra. Ela surge em um momento de virada da narrativa. De fato, na primeira estrofe, reforçava-se o esforço vão da ação do inseto aprisionado; na segunda, enfatizava-se a aporia da ação por meio de uma pergunta que remete à dimensão social do impasse (o labirinto aprisiona no interior da terra um “país bloqueado”). Na terceira estrofe, há uma brusca alteração do caminho da narrativa: o labirinto se desata, sem que se saiba como ou por quê tal transformação ocorre. A passagem, embora súbita, da escura prisão subterrânea, com seu tempo estagnado, à luminosidade do tempo dos acontecimentos dá um caráter peremptório à luminosidade surgida.

Assim como se observara um momento de virada em *Opaco*, chama atenção o contraste estabelecido, em *Áporo*, entre o desabrochar dessa flor e o fechamento, sem saída, do labirinto. Vemos, assim, que, em *Razão da recusa*, os movimentos de contraste engendrados nos poemas despertam vivo interesse. A particularidade do contraste analisado no segundo poema está no caminho traçado da escuridão para a luz: há um escape para a negatividade por meio da ação.

O confronto entre os dois poemas analisados pareceria levar Betina Bischof a reforçar o caráter de retraimento do sujeito em *Claro enigma*. Em *Áporo*, poema de *A Rosa do Povo*, a saída à luz remete, nos diz a autora, ao final da Segunda Guerra. Em *Opaco*, de *Claro enigma*, o feixe de luz entrevisto retorna à escuridão (a vista barra-se a si mesma), indicando a aparente dissociação da poética drummondiana das questões de seu tempo. Betina Bischof quer observar nessa comparação, porém, não um caminho para reafirmar essa leitura canonizada, mas para adensar sua posição crítica: a de que justamente aquela luz, mediada pela negatividade e que a ela retorna, nos permite pensar uma participação política de um sujeito que faz ver o tempo presente como escuridão. Talvez, ainda haja em

Claro enigma, dessa forma, o tatear da luminosidade, rodeado pela negatividade, que lhe é, ao mesmo tempo, obstáculo e mediação: essa luz, apenas feixe rumo a um novo ensombreamento, é a mediação complexa para que se vislumbre a presença oblíqua – e, por isso mesmo, intensa – da realidade histórico-social.

2.3. O poema como resíduo : “História, dissolução e poesia”

A negatividade está fortemente presente no poema *Os bens e o sangue*, a partir de cuja leitura Betina Bischof avaliará uma determinada concepção de história em *Claro enigma*. O desenrolar da ruína das relações de uma família, seus bens, seu meio social e sua descendência resume uma história de derrocada. A esse passado corrompido se seguirá um presente como resto do que se foi e, portanto, também apodrecido.

Mais uma vez, o poema eleito para a análise parece apontar para a consideração do desencantamento do sujeito com o mundo e de seu ensimesmamento. Mais uma vez, Betina Bischof segue um caminho menos evidente na tentativa de fazer ver os contrastes de que se compõe a razão da recusa em *Claro enigma*. Se a história é entendida como ruína, tal visão é indissociável de um presente escurecido, sufocante, destruído:

O passado é modo, oblíquo, pois, de Drummond refletir sobre os acontecimentos de seu tempo, uma vez que o presente é entendido como resíduo da história: ao carregar o caráter daquilo que se foi, condensa o passado e, ao mesmo tempo, o encerra. É assim que o descendente a quem se dirigem os sujeitos decaídos do poema traz em si as marcas da corrupção de sua história familiar (é resumo do passado). Esse mesmo personagem será, por sua vez, dissociado do saber que marcará sua família (finaliza o ciclo de decomposição narrado).

Ao propor a análise do presente como resíduo da história, Betina Bischof quer propor a permanência, no presente e também na poesia, de algo daquilo que se esvai. O mundo decaído do passado ainda encontra, assim, representação e existência na poesia. *Razão da recusa* adensa, dessa forma, a caracterização de

uma poética a partir dos poemas de *Claro enigma*: a poesia se faz do que resta e permanece. Tal poética, coerentemente com as outras análises, não recolhe, no entanto, os resíduos do passado de modo a celebrá-los, mas de forma a estabelecer um quadro crítico também do presente, que, como o poema, é o que se recolhe após o esfacelamento do mundo.

Desse modo, a dissolução de uma realidade aparece não apenas como tema dos textos, mas é, em grande medida, parte do modo de expansão dos poemas, que se adensam, tal qual o resíduo, com os restos, a dissolução e a negatividade. As ruínas do passado expostas são, assim, adubo para um olhar mais acurado para o presente e para a própria poesia. Mais uma vez, Betina Bischof encontra na recusa um poder de mediação (fundado na própria aporia). Novamente, a racionalidade da recusa é aquela de um sentido positivo que se inscreve em tensão com a negatividade.

2.4. A afirmação da penumbra: “A recusa à Máquina”

No último ensaio de *Razão da recusa*, reencontramos os motivos que fizeram as análises anteriores se desenvolverem. No texto dedicado à *Máquina do mundo*, novas articulações são feitas com outros poemas de modo a que, a partir de relações micrológicas (entre as estruturas do próprio texto analisado), se observem conseqüências na obra de Drummond e entre esta e o seu tempo.

A própria conjunção que inicia o poema é índice de que a narrativa surge em meio a outras já existentes. O poema é *in media res* e também em meio à obra. O ensaio de conclusão funciona, dessa forma, como espécie de articulador entre os demais textos que compõem *Razão da recusa*.

Neste poema, aquilo que surge em frente ao eu lírico, diferentemente de *Opaco*, não é um obstáculo que lhe turve a visão. Ao contrário, em meio às trevas de uma estrada pedregosa, se lhe oferece uma máquina majestosa, pura luminosidade. Os nove primeiros versos, compostos por orações subordinadas em que se caracteriza o percurso do sujeito, adiam o surgimento dessa oferta gratuita. Tal alongamento, até o limite, da linha lógico-sintática parece imitar o conteúdo do

texto, marcado pela obscuridade de um sujeito em percurso de busca e pela escuridão de um cenário pedregoso. Apenas na quarta estrofe, se estabelecerá o confronto que fundamenta a relação entre o eu lírico e a máquina, entre a poética de Drummond e o vislumbrar de uma luminosidade fácil. O aparecimento súbito daquela imagem pode nos fazer ver, de acordo com Betina Bischof, a expansão da estrutura sintática sob outro prisma, em contraste com o anterior: como forma de adensar, na matéria poética, o conteúdo de amplidão da máquina do mundo.

A esse sujeito, cujas buscas exauriram-lhe os sentidos, serão enumerados os conteúdos totalizantes da máquina do mundo: embora sem voz, a máquina lhe comunica a riqueza que está acima de toda pérola, o nexos primeiro e singular, explicação total da vida. Esse conteúdo chama o eu lírico e se lhe oferece submetido ao olhar humano. A esse jogo sedutor de uma máquina que promete *tudo*, opõe-se a recusa do eu lírico. Lida freqüentemente como fruto da exaustão de um homem em meio à luta cotidiana, e que por isso desiste do objeto de sua busca, a repulsa do eu lírico à oferta será entendida em *Razão da recusa* sob outra chave.

É o desdém a uma coisa oferta gratuitamente que leva Betina Bischof a relacionar *Máquina do mundo* à poética da aporia que vinha se delineando na leitura dos textos de Drummond. Nas análises de *Opaco*, *Áporo* e *Os bens e o sangue*, o que observáramos era a construção de uma relação tensa entre luminosidade e escuridão, entre passado e presente, que confirmam a repulsa a uma máquina luminosa, pura, a-histórica (em seu nexos singular e primeiro), imaterial (em sua falta de voz, eco ou sopro), descarnada e generalizante. Não à toa é em uma estrada de Minas que se trava o confronto: este é o espaço da memória, da história e de sua dissolução. O sujeito que caminha por essa estrada pedregosa, plena de obstáculos, tem um estreito paralelo com o mundo em que vive, a que está aproximado pela escuridão.

Além disso, a oferta de *tudo* por uma máquina que, embora pura e total, promete se submeter ao sujeito leva Betina Bischof a relacionar a recusa do eu lírico a um sentimento do mundo apreendido da leitura de *Claro enigma*. Recusa-

se uma razão instrumental⁴, a que parecem remeter algumas imagens associadas à máquina: a dominação dos recursos da terra, o assenhoreamento do mundo pelo homem. A proposição de um conhecimento cabal, desmitificador vai de encontro, desse modo, a uma observação dos tons de sombra do mundo, vislumbrados sempre por meio de uma luz mediada pela escuridão: já não se espera mais ver desvanecida a treva espessa, pois, como observado em *Opaco*, apenas um feixe de luz filtrado nessa treva pode ainda manter a possibilidade da utopia. A excessiva luminosidade da máquina constitui-se, assim, como ofuscamento em choque com uma concepção de poesia caracterizada pela dificuldade, pela opacidade, pelo truncamento do livre fluir da expressão. O exercício difícil e truncado da poesia impregna-se, pois, de uma recusa ao totalitarismo e à dominação.

A recusa é observada, assim, como uma firme postura política e um modo de afirmar um caminho para a poesia e para o ser que se insere no mundo do pós-guerra (p. 138). A razão da recusa, sua racionalidade de contrastes, é a de uma positividade imiscuída na negação.

Entre negatividade e afirmação – considerações finais

Tentamos caminhar junto àquilo que parece mover a leitura de Drummond feita por Betina Bischof em *Razão da recusa*: o problema do aparente retraimento das questões sociais na obra do poeta mineiro, em especial na coletânea *Claro enigma*. Nesse sentido, não tentamos recolocar a sutileza de todos os aspectos observados pela autora em cada análise. Certamente, ao limitarmo-nos a uma questão de um livro tão denso, corremos o risco de perder a abrangência própria a uma leitura que se pretenda totalizadora. No entanto, o problema aqui enfatizado, ao retornar insistentemente ao longo dos ensaios, mostrou-se o grande fator de coesão entre as diversas análises feitas no livro.

Observar, além disso, a complexidade extraída da razão da recusa drummondiana nos faz compreender a tensão entre negatividade e afirmação,

⁴ Neste momento da análise, Betina Bischof cita Adorno e Horkheimer:

hermetismo e utopia. Na mobilização dos dois sentidos associados à razão, *Razão da recusa* faz ver a carga de “sim” que pode haver na recusa. Uma vez sejam compreendidos os motivos de tal desencantamento, sua inserção histórica, fica mais coerente a compreensão da racionalidade feita de contraste em *Claro enigma*: a luminosidade só pode ter força política quando envolta em sombras (sob o risco de se ofuscar a escuridão do tempo presente), a utopia nasce de uma poesia não-engajada, mas, por isso mesmo, participativa. Daí, talvez, a ausência daquele artigo no título do livro: sua falta corresponde justamente à complexidade explicitada por Betina Bischof na questão da recusa drummondiana, em análises que vão de encontro ao esperado, à leitura canonizada.

O tédio a que se refere Drummond na epígrafe de *Claro enigma* (*les événements m’ennuient*) pode, assim, ser observado sob outro prisma. Não mais desistência ou recusa à participação, mas retrato de um tempo visto como fruto da dissolução do passado, de um momento em que o tédio, o desencanto são o que exigem um envolvimento histórico oblíquo, porém, eficaz. A luminosidade esparsa, pronta a se retirar novamente à escuridão (tão comentada pela autora), é, assim, como o tédio, uma força afirmativa em meio à negatividade. Da mesma forma, o hermetismo é uma recusa cujo horizonte é a utopia: possibilidade de ir além da reconciliação com a sociedade e via para expor, por meio do obstáculo e do contraste, o que a ideologia esconde.

Referências bibliográficas

ADORNO. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2003.

_____. *Notas de literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

BISCHOF, Betina. *Razão da recusa*. São Paulo: Nankin, 2005.

